

RESENHA:

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.) *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

Nelson Carvalho Marcellino¹
Facis – Unimep
Piracicaba-SP

Se considerarmos o cotidiano da população, e mais especificamente um segmento específico - o dos jovens, a cidade é o seu grande espaço e equipamento de lazer, e nele são encontradas diferentes possibilidades de encontro e sociabilidade. Pelo menos é essa a conclusão a que se pode chegar pela leitura do livro *Jovens na Metrópole*, conjunto de dez textos de caráter etnográfico, resultados de pesquisas de Mestrado e Iniciação Científica, e que tiveram origem na disciplina “Pesquisa de campo em Antropologia”, que o Professor José Guilherme Cantor Magnani, ministrou no Curso de Antropologia, da USP, em 2003 e 2004, secundadas por trabalhos complementares no NAU – Núcleo de Antropologia Urbano da USP.

O livro dá continuidade aos estudos anteriores do professor Magnani, entre eles *Festa no pedaço*(1998) e *Na metrópole*(1996), onde as categorias *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *circuito*, surgiram e foram analisadas.

Na Introdução, Magnani questiona a “categoria” *tribos*, passando por *culturas juvenis*, mas propõe o termo *circuitos de jovens* e, a partir dele, um outro ponto de partida para o estudo dos jovens nos grandes centros urbanos, não com a ênfase na fase da vida, mas na sua inserção na paisagem urbana “por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca” (p.19). Privilegiam-se assim: os comportamentos, e os espaços, e chama-se a atenção para a sociabilidade e para as permanências e regularidades.

¹ Líder do Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL) – Facis – Unimep. Bolsista de Produtividade do CNPq.

O autor retoma, em resumo, cada uma das categorias *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, e *circuito*, e explica porque, no decorrer dos trabalhos, apresentados no livro, houve a opção por esta última. “A escolha de *circuito*, dentre as categorias da família, deve-se à particularidade de ser a mais abrangente delas, pois, ao mesmo tempo em que permite identificar e construir totalidades analíticas mais consistentes e coerentes com os objetos de análise, também permite extrapolar o espaço físico, mesmo da metrópole, possibilitando recortes não restritos a seu território” (p.20).

Straight Edges e suas relações na cidade, de Bruna Mantese de Souza, abre os estudos propriamente ditos, focando suas atenções numa sorveteria da Rua Augusta, onde esses jovens “livres de drogas e de crueldades” se reúnem.

Já Daniela do Amaral Alfonsi examina *O forró Universitário em São Paulo*, a partir de jovens de classe média do bairro de Pinheiros, enquanto Adla Bourdoukan fica no espaço virtual para seu estudo intitulado *Carpe Noctem – góticos na Internet*.

Um posto de combustíveis é o cenário principal de *A Mancha de lazer na vila Olímpia*, desvendada por Ana Luiza Mendes Borges e Clara de Assunção Azevedo, mostrando que os lugares de passagem também podem ser espaços de lazer.

Fernanda Noronha, Paula Pires e Renata Toledo convivem com dois grupos de jovens de características diferentes, na estação Conceição do metrô para escreverem *Japas e Manos (ou streeteiros e B.Boys) na Estação Conceição do Metro*.

O Circuito Godspel e a Cristoteca, são apenas dois dos muitos espaços percorridos por Ariana Rumstain, para o acompanhamento dos jovens, que resultou no estudo *A Balada do Senhor*.

O Moderno e o Descolado se encontram na Galeria Ouro Fino, localizada entre a Rua Oscar Freire e a Alameda Lorena, base para o artigo de Carolina de Camargo Abreu *Galeria Outro Fino: A mais Descolada da Cidade*. Já a Matic Instrumentos

Musicais, em Pinheiros é o palco para os jovens instrumentistas que se reúnem também em bares e botecos, e são retratados por Camila Iwasaki em *Jovens Instrumentistas: o Improviso de todo dia e de toda noite*.

Márcio Macedo faz um passeio pelas *Baladas Black e Rodas de samba da terra da garoa*, passando pela balada hip-hop e pela noite black do Mood Club, enquanto Alexandre Barbosa Pereira vai da pichação ao grafite, em *Pichando a cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano*.

Na sua conclusão, ou “Fechando o circuito” com diz, Magnani chama a atenção para considerações finais sobre as categorias já citadas anteriormente, uma vez que as etnografias, quando tomadas em conjunto, evidenciam que “o *circuito* engloba as demais categorias, e que estas aparecem não de forma independente, mas combinadas, de maneira a captar a complexidade das práticas culturais estudadas (...) em vez do uso pontual de uma ou outra, o que ocorreu foi a tentativa de apreender a articulação entre várias delas, permitindo que cada grupo fosse visto de forma mais abrangente e em relação com outros” (p.247).

É fundamental também que se perceba os novos usos dados aos espaços e equipamentos pelos jovens, diferentes daqueles para que foram originalmente concebidos. O sentido e significado, a nova leitura dos espaços e equipamentos depende dos seus protagonistas.

Com base na regularidade do movimento dos trajetos conhecidos – “regime de trocas, passagens por circuitos afins, e até conflitos entre alguns grupos”, o autor sugere um “quadro classificatório em torno de dois eixos: relações de aproximação e relações de evitação” (pp.249 e 250).

Além do uso das categorias já citadas anteriormente, em cada uma das etnografias, é destacado o uso de novos termos como “point”, “rolê”, “quebrada”, “cena”, que merecem aprofundamento.

Magnani discute ainda, brevemente, a oposição público *versus* privado como princípio classificatório, e a dicotomia antropologia *na* ou *da* cidade.

O livro tem *Prefácio* de Hermano Vianna, que apresenta cada uma das etnografias, e convida os autores a um interessante jogo, e um *Posfácio* de Luiz Henrique de Toledo, intitulado *Corporalidade e Festa na MetrÓpole*, que analisa esses dois aspectos na leitura das etnografias, com muita competência.

Recomendado para pesquisadores e estudantes de Ciências Humanas em geral, é leitura obrigatória para quem se dedica aos Estudos do Lazer.

Referências

MAGNANI, J.G.C. *Festa no pedaço*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, J.G.C.M; TORRES, L.de L.(Org.) *Na MetrÓpole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.